

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUARTO ANNO

ABRIL

---

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

**1875**





D. LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO.

Lith. de J. Alves Leite



## O TENENTE-GENERAL

### BENTO MANOEL RIBEIRO

---

O regente Feijó não desapareceu-se d'ella, e cõm essa intenção começou por nomear para presidir a provincia de S. Pedro a Feliciano Nunes Pires, homem de reconhecida moderação, bastante illustrado e bem conhecido na provincia, onde residia desde sua infancia, e por ella eleito deputado ao corpo legislativo, e pelo governo ordenou-se ao general Ribeiro, que se dirigisse para o interior da provincia, sendo ahi o seu primeiro empenho conciliar os animos chamando a uma concordia geral e segura os rio-grandenses divididos por opiniões politicas.

Recommendações por esse theor foram feitas aos presidentes das provincias que confinam com a de S. Pedro, sabendo-se que para ellas concorreram muitos dos que se haviam envolvido na luta revolucionaria; mas burlados foram todos os esforços do governo para que essa luta tivesse termo, e malgrado o afan em que n'esse sentido lidava o general Ribeiro.

O governo tinha em frente uma obstinada e facciosa opposição, que se encastellára no senado, opposição que tinha por base uma politica tacanha, e toda pessoal, e a que não pôde resistir o regente dando sua demissão, a despeito de ter por si a consciencia publica, abroquelado de um civismo puro de vicios politicos, e praticando abnegações que nenhum dos seus adversarios podia imitar, e o general Ribeiro foi compellido a affrontar o brutal tratamento do presidente da provincia que substituiu ao Dr. Araujo Ribeiro, que pedira sua demissão.

● primeiro acto do novo presidente, o brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, homem de mais philaucia do que discernimento,

de mais ineptia do que illustração, desmentindo na pratica o instincto administrativo que inculcára ; o iniciô da sua presidencia foi obrigar a que o seu prudente e circumspecto antecessor se recolhesse preso á côrte, pondo-o obseidiado até á sua retirada da capital. A isso seguio-se o dirigir reclamações a varios presidentes de provincias exigindo a extradição para a de S. Pedro, d'aquelles a quem alcunhára com o estigma de criminosos, que *deviam ser tratados como bestas ferozes e indomaveis*, por haverem estado ao serviço dos *rebeldes*, e que para fugirem as perseguições e a insultos ignominiosos, retiraram-se da provincia depois de serem indultados, procurando n'outras um asylo á segurança pessoal e esquecimento da vida politica que haviam renunciado.

Requintou, porém, a insensatez do presidente no facto de, demittindo o general Ribeiro do commando das armas, que se occupára com lealdade no interior da provincia a apaziguar os animos dos que se irritaram pelo não cumprimento do indulto concedido aos dissidentes depois da batalha do Fanfa, ordenar-lhe que quanto antes se apresentasse na capital ; e sem esperar o cumprimento desta ordem rompeu d'ali seguido de numerosa força armada, com o fim de ir ao encontro do general e trazel-o preso comsigo.

O general foi com alguma antecedencia avisado da estulta intensão do presidente, e acercando-se de algumas forças dos revolucionarios que vagavam do interior, dispôz-se a esperar o presidente no passo de Taperi, e nesse lugar o atacou em 23 de Março de 1837, afugentou as forças que o escoltaram, e o reteve preso em seu poder por quasi tres mezes, trazendo-o após si nas marchas que fazia.

Com semelhante desassisada provocação ao tempo em que Ribeiro com dedicação e esmero empregava,se na completa pacificação da provincia, aconselhando aos dissidentes, de novo irritados pelo feroz procedimento das forças do governo assestadas pelo presidente, que abandonassem uma causa que não podia prevalecer como contraria ao pensamento da grande maioria da provincia, foi o general compellido a adoptar outra vez essa causa, e prestar-lhe seus serviços.

Obrigado assim Ribeiro a sahir a campanha á frente de forças que espontaneamente se lhe reuniram, foi o seu primeiro feito d'armas investir a 8 de Abril d'aquelle anno a villa de Caçapava guarnecida com um batalhão e dois esquadrões de linha, desbaratando essa força, que cabio em seu poder, mandando-a livremente para a capital.

O coronel Bento Gonçalves evadira-se da prisão da Bahia, e apparecendo na provincia de S. Pedro, reassumira a sua autoridade, pondo-se á frente da revolução, e das forças postadas nos

subúrbios da capital, que emprehendiam ligeiramente ataques parciais, o mais forte dos quaes foi o da villa do Norte, que defendeu-se heroicamente, pondo em derrota e retirada as forças contrarias.

O general Ribeiro, depois da tomada de Caçapava, deu-se a percorrer o interior da provincia, perseverando na idéa de chamar á concordia os dissidentes d'ali; persuadindo-os com a intimativa imponente que lhe inspiravam seus feitos d'armas á desistirem da luta, com a qual sacrificava-se o bem-estar da provincia.

Com este proposito encaminhou-se á fazenda de um amigo seu, que podia coadjuval-o em sua missão conciliadora; e como fosse avisado que estava ali a chegar com um troço de homens armados o marechal Sebastião Barreto; commandante das armas da provincia, andando na deligencia de reunir as forças governativas, Ribeiro teve de retirar-se logo da fazenda, pois que tinha só por companhia seu filho, Dr. Sebastião Ribeiro.

Existia entre o general Ribeiro e o marechal Sebastião Barreto rivalidade que chamarei historica, começada desde o tempo em que aquelle principiou a colher os louros da victoria na guerra do sul, o que ralava ao outro, mascarando-a sempre com apparente dissimulação.

Rivalidade que tambem era vivaz, e sempre encoberta por Barreto, e com a mesma origem, entre o general barão do Serro Largo.

Aquella rivalidade só foi reconhecida pelo general Ribeiro, quando soube que a sua destituição do commando da fronteira do Rio Pardo, fôra promovida instantemente pelo seu rancoroso adversario, que estava em muita intimidade com o presidente da provincia, e foi esse injusto rebaixamento uma das causas allegadas que preponderaram para a revolução da provincia.

Chegando o marechal Barreto áquella fazenda, soube que Ribeiro retirava-se d'ali á sua aproximação. Immediatamente fez partir uma escolta em seu seguimento, ordenando-lhe que lhe fizesse fogo. A escolta atirou-o, como o visse cahir convenceu-se q e o tinha assassinado, e nessa persuasão ficou o commandante das armas.

Ribeiro, ferido por duas balas, retirou-se para a mais proxima fazenda de um amigo seu, que prevenio a sua segurança chamando para ali forças que o puzessem a salvo de nova aggressão do seu cobarde e traiçoeiro adversario.

Em presença de tão feroz attentado, impossivel se tornou essa missão conciliadora do general Ribeiro; dando de mão a ella, e logo que sentio-se em estado de resistir ás fadigas do campo, tratou de chamar a si as forças revolucionarias, que prestes acudiram sabendo do intentado assassinato do general.



A' testa d'essas forças, dirigio-se este para a cidade do Rio Pardo, por lhe constar que ali se fazia junção de todas as tropas do governo, destinadas a hostilizar no interior da provincia as forças contrarias, como insistia o commandante das armas.

Com effeito, o novo presidente da provincia, marechal Elisario, déra-se inconsideradamente a esse plano; e organisando dessas tropas uma divisão deu ao commando do marechal Barreto.

Esta divisão com a força de 1.200 praças, dividida em duas brigadas, uma, ao mando do brigadeiro Calderon, e outra, ao do coronel Lisboa, marchou por terra para Rio Pardo, e ali achou-se em 20 de Abril de 1838, encantonada nos suburbios da cidade, e parecendo bem espaldada pelo rincão d'El-rei, e pelo rio que lhe corre nas abas, persuadindo-se o commandante da divisão, que ficava assim guardado de qualquer accommettimento que se lhe fizesse; sem se recordar que o forte das manobras do general Ribeiro em frente do inimigo era a surpresa, sem ter confiança nas tropas que commandava, disciplinadas e dispostas a todo o transe, para fazel-as sahir do recanto da cidade, e collocal-as em presença dos revolucionarios, que apenas continham metade das tropas do governo.

O rio foi vadeado n'uma noite pelos revolucionarios, sem que contra isso se premunisse o commandante da divisão, e nem de tal dêsse fé; e na ante manhã de 30 de Abril, atravessado o rincão, caíram sobre a descuidada divisão, que foi derrotada e posta em fuga para o interior da cidade com não pequena perda de mortos, entre estes o coronel Lisboa, que portou-se com bravura, sendo apprehendido bastante armamento, munições de guerra e numerosa cavallhada.

Effectuado este golpe de mão, marchou o general Ribeiro em direcção ao rio Cahy para impedir que se unissem á divisão de Barreto os reforços que partiam da capital; e sabendo que no passo do Contracto achavam-se duas canhoneiras retidas á espera do presidente Elisario, e alguns officiaes que se retiraram do Rio Pardo, depois da derrota da divisão, foram ellas tomadas sem resistencia, e postas em poder dos revolucionarios. Em seguida partio o general para o interior da provincia, visto que o coronel Bento Gonçalves reaparecera á frente dos revolucionarios, que haviam assentado campo nas immediações da capital.

O reaparecimento de Bento Gonçalves á testa da revolução do Rio Grande, trouxe lhe principios politicos, que não são consentaneos com as convicções de seus habitantes, e nem foram aceitos no começo do movimento. O regimen puramente democratico, em vez de monarchico constitucional que se achava firmado no Brazil, foi aquelle propalado por Bento Gonçalves, ou fosse por magoado de traições e padecimentos que soffrera, cahindo



nos ferros do poder, depois da batalha do Fanfa, ou por promessas feitas aos que coadjuvarão a sua evasão das prisões da Bahia.

É certo que a nova propaganda politica não podia deixar de ser bem acolhida pelos que estavam em immediata counexão com a origem de onde partira. Não podiam desprezar a os que sempre com arma em punho, caminhando pertinazmente na senda de perigosos compromettimentos, e sentindo-se como pervertidos por uma idéa falsa; e assim entregarão-se irreflectidamente a ella, e derão-se a sustental-a.

Mas, é tambem certo, que esta innovação no systema politico adoptado tão conscienciosamente pela provincia e d'ella robustecido, incutida por meio das armas, só podia ser aceita por esses desarinhos, que, não coiro *homens perdidos*, como os chamou uma voz no senado, mas levados por insinuações erroneas tomaram o falso pelo verdadeiro. Seria como o foi, repudiada pela maioria sisuda e illustrada dos rio-grandenses.

O general Ribeiro que a repellio implicitamente, e aos poucos se foi escoando da sua acção militante, embora só abraçada pelos sectarios da revolução que estavam em campo, retirou se do rio Cahy, depois de apesadas as duas canhoneiras, e seguiu para o interior, denegando-se a reiterados chamamentos que lhe fizera o chefe da revolução, e dispersando em Alegrete 1.200 homens de forças que o acompanharam, tendo antes repellido a seguidos tiroteios que em Julho de 1840, ali lhe fizera o coronel Loureiro com 800 homens que commandava e militava a favor do governo.

Não entendendo Bento Gonçalves que, com a retirada do Ribeiro e dispersão das forças que commandava, significava isso renuncia á causa da revolução; e tanto mais porque affrontava elle os accommetimentos que em Alegrete lhe fizera o coronel Loureiro, lembrou-se de nomeal-o commandante geral da fronteira da provincia.

Nem por isso o general Ribeiro desistio de suas convicções, e retirando-se para o territorio de Montevidéo, d'ali solicitou amnistia ao poder moderador, que promptamente lh'a concedeu, e seguindo para a côrte a render homenagem ao imperador e a manifestar seu agradecimento por aquelle acto da munificencia imperial, ordenou-lhe o governo que regressasse para a provincia e entrasse no serviço do exercito.

Assim o praticou o general Ribeiro, e dando-se-lhe na provincia o commando de uma forte columna das tropas do governo, em 26 de Maio de 1843 pôz em debandada junto ao arroio Ponche Verde as mais numerosas forças dos revolucionarios, e do modo que d'abi avante desistiram estes da offensiva na luta travada entre si e as tropas do governo, conservando todavia as armas em mão, até á amnistia geral.

Como em remuneração d'este ultimo feito d'armas de Bento Manoel Ribeiro, foi este promovido a marechal de campo, e por achar-se em idade muito avançada, e alquebrado de tanto labutar em sua vida militar, reformou-se em tenente-general, em cujo posto durou pouco, terminando sua existencia na cidade de Porto Alegre.

A seu nome acompanhará sempre, pela provincia de S. Pedro, recordações de gratidão, e pela de S. Paulo, sua patria, as de ufania e profaças.

Porei aqui remate a este trabalho, em que tive por unico fim invocar reminiscencias por sobre esse velhoguereiro, que só deixou traços do seu valor em combater nesses campos, onde se levantão distinctos generaes, que á frente dos briosos e valentes pelejadores rio grandenses saberão manter as tradições gloriosas dos que os procederam, empenhando-se em sustentar elles a honra da patria.

J. J. MACHADO DE OLIVEIRA.

S. Paulo, 31 de Julho de 1865

---

# SERÕES DE UM TROPEIRO

(COLLECCÃO DE CONTOS SERRANOS)

## O TENENTE NICO

### VIII

Vai grande azafama na estancia do Capão ralo!

Desde as bódas nupciaes de seu proprietario, nunca mais ali se vio tamanha faina. Em casa e no campo andava tudo n'um pé só! O proprio beriba parecia ter sacudido do espinhaço a sobrecarga de uns trinta janeiros, que lhe dava, olhando-o pela retaguarda, a marcial apparencia de um fuzileiro em ordem de marcha, tamanha era a empola que lhe resaltava das cruces.

As volteadas augmentavão o volume do rodeio, para onde convergião de todos os pontos os golpes de gado tambeiro e xucro, que espirrava do matto.

As porteiras das mangueiras estão escancaradas, com as varas todas corridas nas tronqueiras; na frente da casa um esquadrao de piás e crioulos, escaramuçando, desaguachavão os lindos cavallos da quadrilha; no piquete andava a manada de tobianas recém entabolada, n'um sarilho; no quintal e no terreiro não ia menor reboiço: desde o chiqueiro de onde tiravão para o gancho

o obeso e cerdoso capado, cevado a sôro, pinhão e milho, e uma meia duzia de farroupos, até o gallinheiro, ia tudo raso! . . . Na cozinha . . . que horror! aquillo era um Quinteros, sem tirar nem pôr! Ia ali uma matança digna de ser commemorada com uma medalha, igual áquella que mandou cunhar Gregorio XIII em honra da noute de S. Bartholomeo.

Pois era graça a chegada do Nico, da Nharinha, da dona Marucas e mais de toda a guascaria d'aquelles arredores!

E como estava chibante e fuchudo o bom do velhote, retouva-do no fato domingueiro! Era um pião tararaca saracoteando por toda a parte, derramando uma cõnu copia de ordens e ralhos. Era tal o seu contentamento que até parecia idiota. Fazia rir vel-o, empunhando um espanador de colla de vacca, a sacudir os varejões do terreiro, que estava limpo a poder-se apanhar d'elle uma bola de manteiga e deital-a á brõa sem risco de se trincar um argueiro.

Todo o vizindario de um raio de tres leguas se achava no Capão ralo. O sol doirava a paysagem com seus dardos perpendiculares reflectindo-os na prataria dos aperos. . . Já rescendia o chamusco dos assados com couro, quando coincidentalmente assomou ao tópe da coxilha um grupo de diversos individuos, e um ginete internava-se na picada do passo. Os peães, que estavam postados de alcatéa, ahí vinhão descorgando-se lançante abaixo a toda a rédea á transmittir a boa nova.

O velho, que da impaciencia ia declinando ao desespero, engulio uns dous pés cubicos de ar n'um só resfôlgo, e voltando-se aos seus convidados, lhes disse:

— Ahí vem elles! Vamos.

E atirando um patacão de alviçaras a cada um dos mensageiros, montou a cavallo em seu formoso azulogo, que estava de cincha a meia barriga e colla atada lá por onde canta o gallo, com tal agilidade, que sarapantou a mais de um dos monarchas das coxilhas, que ahí se achavão em não pequeno numero.

Não se havião enganado as vedêtas: o ginete, que baixára ao passo e o grupo, que assomára na lomba, crão o tenente Nico e a comitiva do Pinheiro secco. O encontro, como é praxe em festas da roça, foi annuciado por uma descarga de tiros de pistola e saudações mais ou menos estramboticas.

Nico ao avistar Nhara e seu pac, boleou-se de sua valgadura, e apciando no collo a ambos, estreitava contra o seio esses dous entes tão caros com toda a effusão de amoroso jubilo.

Grupo sublime foi esse, que os mais santos affectos d'alma reunião, como os veios do marmore ligão n'um mesmo plano o primor d'arte e a inspirada concepção do genio.

E os tiros e as acclamações se succedião ininterrompidamente

A *dona* do Pinheiro secco, vendo a filha enlaçada pela cinta, com a fronte reclinada ao peito do sobrinho, soltou um suspiro a guisa de saca-rolha, que... Deos me perdõe, que isto não é por fallar mal... não se me dava de apostar que era mais para quem estivesse sobre a terra, do que para o seu defuncto, que desde muito estava debaixo d'ella.

E que festa que foi a d'esse dia! A mesa não se tirou; e ao inverso do tonel das danaydes, que se não enchia, aquella se não podia esvasiar. E o que havia por ali? Era um banquete sardanapalico.

E a tudo isto se casavão os sons da viola, que fazia estremilicar as rosetas das chilenas dos patricios.

Era ainda sol alto e já o fandango roncava grosso. O velho Juca, a *dona* Marucas, Nico, Nharinha, todos-entfim entravão no *cerra e trava*, que era um gambêto!

E a viola estremecia as feveras metalicas, e os tocadores botavão versos a porfia, obrigados a ultima consoante:

— Da outra banda do passo  
Tem um pé de camarinha,  
Mas seu fruto é menos doce  
Do que a bôca de Nharinha.

— Do que a bôcca de Nharinha  
Não ha rosa mais vermelha,  
Nem a noite é mais escura  
Do que as sua sobranceilha.

— Como as suas sobranceia,  
Como os seus zóios briante  
Eu só vi o sol nascendo  
Nos mimos do sen sembrante.

E o marcante, no auge do enthusiasmo tersipchorico, aquecido pelo purissimo summo do cayanna, bradava como um damnado:

— Tudo *cerra*, minha gente!  
Oia o bicho, lagartixa!

Cravador!

Outra vez, que não vi nada!

E a sapateada strugia, e a viola ponteava, e abi vinha a trova do violeiro serrano:

— Mesmo na beira do matto,  
Eu vim cahir na urupuca,  
E fiquei preso nos braços  
Do nosso guapo nhô Juca.

— Do nosso guapo nhô Juca,  
Ep'ra móde a sua gente,  
Quebro as corda da viola  
Dando um viva ao seu tenente.

Dando um viva ao seu tenente.  
Quero um golpe da cayanna  
Para afinar a garganta  
E rompê n'um quero mana.

E a roda grande entrevelou se n'uma cadêa de mãos, e o marcante gritava:

Tudo manca, Sorocaba!

Vão passando.

Esgravata miudinho.

Olha o fuso, desandando.

Cerra e trava da Laguna!

E a viola chorava, temperando o floreio da sapateada e a *lagrima de Santo Antonio*, illustre substituta da *Christi*, evaporava-se das botijas e borrachões, por um verdadeiro milagre do beato de Pádua.

Ainda que vasta, a sala da casa não comportava siquer um terço dos convivas, que se prolongavam por uma ramada adrede preparada, e que, illuminada com tigellinhas, produzia o mais lindo effeito, dando a essa festa o seu original cunho de poesia pastoril.

Finda a marca o tenente Nico e Nharinha, sentando-se ao fundo da ramada, com as mãos entrelaçadas e os olhares embevecidos um no outro, trocavão os ingenuos protestos do mais casto dos amores.



— Quasi. Nharinha, arrebentei de saudades! Hê pucha! que quando pousei em baixo do morro, e que o José me disse umas cousas... não sei como não azoinei.

— E no entanto se demorou oito dias, primo... oito dias, que me parecerão oito annos... para ir a Taquara, quando os outros fazem essa viagem em tres...

— E eu fui só a Taquara?

— Então não foi o que me disse, quando se despedio!

— Queria te pregar uma surpresa... Eu fui a Porto Alegre, que bem se devia antes chamar Porto triste... andava lá a córla matando gente, que era uma temeridade!

— Santo Deos, e o primo se arrisçou...

— E então-se, eu não ia buscar a licença dos nossos impedimentos?

— Pois nós temos impedimentos?...

— Ora chô. Pois nós não somos primos?

— Somos, sim, e o que tem isso?

— Tem muita coasa; a gente quando é parente natural, como elles dizem, não pôde casar-se sem licença do seu Bispo...

— E custa então muito a se tirar a licença dos impedimentos dos primos naturaes?

— Custa... e não custa.

— Ora! eu não entendo. O primo está me embaçalando.

— Custa e não custa; e eu me explico: custa, porque quando não custa o tempo, que se espera por ella, custa mais umas onçitas.

— E o primo se atirou a corla pramóde isso!

— Ea era capaz de me botar ao inferno, se fosse o diabo que dêsse a licença dos nossos impedimentos.

— Cruzes! primo Nico... não falle assim da religião.

Emquanto se passava essa scena no fundo da ramada, na alcova do velho Juca dava-se uma outra que com esta intimamente ligava-se em interesse.

— A vinva, como todos sabem — era uma senhora *dona*, que em capitulos de moralidade podia ser reitora, e pois dirigindo-se ao seu compadre lembrava-lhe a scena do encontro:

— Ora o mano e eu bem sabemos que o Nico e a Nhara são quasi irmãos... mas foi o causo que o compadre bem vio, que elles se abraçarão.

— E que mal faz que dous primos se abracem? Se fosse as escondidas, mana, o caso olheirava a desaforo; mas ali a vista de tanta gente, já se vê que não houve maldade nenhuma.

— Sim, eu bem sei; mas é que a lingua não tem osso, e ha muita gente que gosta de dar com ella nos dentes. E quando se começa a fallar...

— Tapa-se a boca dos intrigantes com uma volta de laço.

— Pois sim, mas quem perde é a Nharinha.

— O que é? . . . o que é, comadre, que a minha afilhada perde? bradou o velho colérico. Pois então-se mecê não sabe que elles se gostão, e que nós também levamos em gosto o seu casamento?

— Eu sei, tanto como o compadre, tudo isto, mas é que o casamento stá se demorando e os falladores . . .

— Heide calal-os.

E com passos nutantes o velho dirigio-se a sala, onde sem mais preambulos, tomando um lugar na cabeceira da mesa, e enchendo um copo de vinho, pedio a attenção dos convivas :

— Minha gente, fiz hoje esta festa, p'ra reunir os parente, os amigo e todos os visinho p'ra lhes communicá que os meus desejos e mais os da mana Marucas vão se satisfazê qualquer dia d'estes . . . quero dizer que o meu Nico se casa com a minha querida afilhada de baptismo, nhã Amelia.

— Vivão os noivos! bradou o auditorio electrizado pelo eloquente discurso do velho Juca. — Vivão os uoivos, e maiso seu pae e a sua mãe! Viva!

E os vivas prolongarão-se calorosamente.

— Eu peço a palavra, disse então um d'esses poetas de sobre-mesa, que se encontrão em toda a parte. — até nas brenhas da serra!

— Não posso guardá dentro do coração a sastisfação que nois todos sentimo pela noticia do casamento do nosso commaudante de companhia, o seu tenente Nico, com a moça mais bôa e mais bõnita de toda esta redondeza.

— Agradeço, meus amigos, disse o tenente Nico, os sentimentos de jubilo, que o meu casamento com a querida prima, vos tem despertado. Era essa alliança, que meu pae acaba de annuenciar-vos, o unico, o mais ardente e o mais santo dos meus desejos. E por meu pae espero que seja marcado o dia, para realisal-o em presença de todos os amigos, que abrilhantão hoje a nossa brincadeira.

— Viva o seu sobredelegado! Viva!

— O dia, acudio o velho, que graças ás libações já estava com o capacete a ferver . . . o dia . . . pois o dia . . . ha de ser . . . ó mana Marucas . . .

— Quando ha de ser o casamento? gritarão todos.

— No dia da carta! . . . bradou elle afual com ar triumphante por se ter meio desvenecilhado da tremenda touca, que lhe esquentava o miolo.

O dia da carta, a que se referia o civico paulista, era o 25 de Março, data em que foi jurada a constituição do imperio.

A dona Marucas não estava em melhor estado do que o velho, a este foi o vapor vinoso que lhe ennuviou os interfolhos do cerebro, aquella era o unto do entrecosto de tateto, que lhe anciava o

estomago. E pois, quando ouviu marcar-se definitivamente o dia do casamento de Nhara, cahio fulminada por uma tremenda indigestão.

Felizmente o tio Florencio, havia seguido as pegadas do tropeiro, a quem nada relatou da festa, que lhe devia ser offerecida, e para a qual fôra especialmente convidado pelo velho Juca.

Ao dar-se a catastrophe, dominando a estridente algazarra, que o caso produzira, bradava o tio Florencio:

— Não é nada... não se assustem... tragão-me uns tres pendões de milho, uma chaleira d'agua fervendo e uma tigella!

## IX

Ao contrario do que aconteceu a João 1º, o *Lackland*, que máo grado o fatal orgulho, que com seu exercito tomou nas aguas do Wahs, poucos dias antes de estourar já não encontrava em toda aquella austera e santa abbadia de Sewinshead, em que se aboletára, um habito que lhe abarcasse o bojo, a pobre da dona Marucas, coitada! parecia ter passado pelo processo da salga do bacalhão, estava mesmo na espinha! Se não fôra a mensinha do tio Florencio teria a chacina dado com a dona na contracosta, assim como dêo, na phrase de um espirituoso chronista, com o nosso senhor e rei D. João VI cá n'esta terra do feijão preto e do tabaco, e das «florestas de bananeiras, enredadas de cipós, de que pendem em vistosos cachos as gostosas jaboticabas» segundo o Sr. Pinheiro Chagas nos conta em sua *Virgem Guaraciaba*.

Bemdicto tio Florencio! Milagroso pendão de milho!

A Inglaterra não teria perdido tão estúpida e precozmente nem o seu John, e nem o bisavô d'este regio comilão, Henrique, o lettrado, se lá estivesse, moderno Paracelso, com o teu incomparavel elixir para combater os fataes effeitos da cidra nova e das lampreias, que por um triz não derão cabo d'aquella nascente monarchia.

Hoje que é moda, para tornal-as mais *chics*, esgalricharem as pobres raparigas até tornal-as quasi transparentes, erriçando-lhes os cabellos afim de cobrir um enorme appendice de fôrma ovoide, que adaptão ao craneo, assim a guisa do capacete do imperial Fritz, emquanto pela altura da 6ª vertebra lombar fazem resaltar uns tufos de fazenda, a que a satyra não poderia applicar outro vocabulo, para lançar-lhe o ridiculo mais pungente, do que dando-lhe o nome proprio — *puff*. . . ha de até parecer, além de prosaico, de pessimo gosto, perder tempo em questões physiologicas d'esta natureza, um escriptor, que aspira ser lido no mundo «/as-

*hionable*, ouvir seu nome ecoar ruidoso no *high-life*, e nas deirã-das regiões do tom, onde pairão as formosas borboletas da *élite* de que nos falla, tão magistral e profusamente em sua narrativa *A dama das violetas*, a elegante autora da *Celeste*, d'esse romance tão mimoso como as luvas *Jouvin gris perle*, que supponho ter calçadas a illustre litterata quando escreveu esse lindo conto, onde foi pena que deixasse o protagonista, o coitado do Manoel, assim a modos de epithaphio do coração da mulher, da sua amada Helena, que não voando como a outra aos braços de Paris, transformou-se em urna para guardar as cinzas de Celeste e mais as do primo Henrique... ha de parecer, diziamos, um tal escriptor até... inconveniente...

Mas é o caso, que não somos nós os culpados e sim a historia, essa encarquilhada hisbilhoteira, que a fusa do respeito que devemos aos mais velhos, vai dando com a lingua nos dentes; e devassando a vida intima e privada pôe tudo em trocos miúdos; faz d'estas minudencias questões d'estado; alarma a diplomacia; e envolvendo se até nas sciencias positivasahi vem de retorta, alonga e provete, ou d'escalpello em punho, provar com a chimica e a anatomia que a morte do prisioneiro do principe de Negre não proveio tal, como affirmarão, de peçonha que lhe deitassem na real camara, e sim dos seus desmandos de... boca; que por iguaes excessos perdêo a Allemanha o seu terceiro Frederico e mais o sexto dos Carlos, que o amavel Luiz X de França tentando *liqui-dar* o assumpto foi encontrado na adéga, a beira do torno, morto materialmente n'um oceano de espirito. E até ousa affirmar aquella sacrilega palradora que desde que foi descoberto o methodo do bom vovô Noé para extrahir o caldo a uva, foi deliberado em concilio que ao titulo Pontifice se antepozesse o *summo*, sem entretanto nos dizer do quê.

Mas o que se deve dizer, porque é verdade, e porque originou esta crudita tirada, é que graças a tremenda conflagraçãogastri-ca da dona Marucas, a estada da gente do Pinheiro secco na estancia do velho Juca Antonio esticou, que nem couro fresco, desde o dia da chegada de Nico até o designado para o seu casamento pelo civico compatriota d'aquelles legendarios bandeirantes, que perlustrão os annaes da patria historia; o que ainda uma vez veio justificar, para os noivos, a verdade philosophica do aphorismo popular: «Deos escreve direito por linhas tortas», ou do outro: «Ha males que vem para o nosso bem», emquanto a pobre viuva vendo deperecerem-se-lhe as bochechas, repetia aquelle velho rifão portuguez: «Não ha brinco que não desande em chorinco.»

Em preito porém a justiça descubramo nos reverentes ante uma dor profunda, qual a de Nharinha; ante a sinceridade que compartilhava essa magoa immensa, a do tenente Nico, que sof-

fria cruelmente com a tristeza, que esmagava o coração de sua noiva, e que mais o mortificava quando ella queria negal-a no riso ficticio, que lhe frisava o labio para occultar o quanto padecia, do que quando essa dor se desafogava nas torrentes do pranto.

A vespa lethifera do infortunio sorvia gotta a gotta o hydro-mel que dous amores, o de mãe e o de amante, haviam depositado no nectario do casto lyrio das montanhas! Aquella fronte radiante e pura talhada para coroar-se com a capella de flores de laranjeira, com o véo de mystica nupcia, aquella fronte candida e bella pendia succumbida a idéa de proxima e inevitavel orphanidade!

E como a virgem serrana, o destemido tropeiro amergia tambem a frontegalvanizada pelo sol das cochilhas!... sentia refranger-se-lhe a alma, essa alma varonil, immensa como o amor, que a inflammava, tão pura como um capucho de neve suspenso nas farpas do cactus, como nma baga de orvalho deslizando no espinheiro; essa alma bem fadada ainda não polluida pelo bafo morno e corrosivo do egoismo.

A miseranda Amelia perdia a esperanza de salvação de sua mãe, e tremia ante a recordação de um passado, que parecia lhe ir inevitavelmente reproduzir-se, e mais terrivel agora do que então. Criança ainda, vio ella abater-se a columna do lar — seu pae; e, como prolongamento e effeito do choque d'essa queda, trocaram-se os doces brincos da infancia pelos cuidados e afflicções da orphã! .. Sentio-se arrastada do rosal florido de uma existencia feliz e descuidosa pela via dolorosa, sob a pesada cruz do dever, ao calvario, onde não a crucificarão como ao Redemptor, mas em que a fatalidade ergueo-a como o anjo da resignação entre o ataude do seu pae e o desespero, que significava essa dor, que não tinha lagrimas de sua mãe, estorcendo-se no eculeo da viuvez e da agonia, rodeada pela assolação, que soluçava o coro da prece pelos mortos. E as lagrimas outr'ora tão faceis, n'essa quadra bemdita da infancia, coagulavão-se e em ferina avareza refluião ao coração.

O' como Deos é bom para as crianças! e como é tambem bom o coração infantil!... A criança chora porque vê o pranto transluzir na pupilla estranha, sem avaliar a pressão da magoa que a espremeo; e no entanto o homem, cujo seio a dor estala, não pôde vertel-o para minorar a intensidade do soffrimento, que o suplanta, para suavisar as feridas sangrentas do coração com o balsamo anodyno das lagrimas!

Entretanto desde alguns dias a boa senhora padecia menos. Um leve tom côr de rosa, produzido aliás pela febre, que a consumia, era para todos um presagio feliz!... A enfermidade após um periodo critico, parecia ceder; todos, excepto Nhara, acreditavão-n'a melhor, em via de convalescença. Aquella calma fatal, que



precede as terriveis tempestades, fazia renascer a esperança de sua salvação!

A enferma que, como sua filha, se não illudia, mas procurava illudir, com um esforço immenso chegou a erguer-se, e mesmo mais de uma vez a passear apoiada ao hombro de Nico, pelo terreiro, onde erguia-se um frondoso tarumã, a cuja sombra descansava.

Foi ali que uma tarde, após um deliquio, ella tomando as mãos do sobrinho e da filha, e unindo-as, lhes disse:

— Meus filhos, sinto ter de enlutar-vos a felicidade... eu não vou longé... as minhas entranhas estão consumidas... tenho uma fogueira dentro de mim...

Nhara prorompeo em soluços.

— Tia Marucas, atalhou Nico, não se ponha a pensar n'isso... pois se já vai melhor, se já caminha, ha de ficar boa com o favor de Deos.

— Não, Nico, eu sei que morro... mas vocês... vocês viverão felizes...

E um novo desmaio a interrompeo.

E' facil para todos quantos sentirão as ternas caricias de uma mãe estremosa avaliar a dor, que devia torturar aquella misera filha ouvindo como um adeus final, como um anhelar d'alem tumulo, aquelle voto pela sua felicidade.

Ha algo de grandioso, de superior ao nosso estolido orgulho, que nos aterra e subjuga ouvindo a derradeira phrase de um moribundo, e o grito lastimoso, pungente da orphã abraçada a um cadaver!

N'aquelle ultima vontade, quasi uma prece, que se vai esbarrar e partir no angulo da lousa feral, e n'aquelle brado angustioso, que arranca ao seio pedaços d'alma, ha mais do que a penetrabilidade em um mysterio augusto, um pregão que nos rebõa no imo tribunal da consciencia a tremenda condemnação da Divindade!

Proclamem-se embora bem alto as theorias dissolventes do atheismo indico, dos Gorgias e dos Protagoras, exaltem a sciencia inductiva, a fatal philosophia atomistica, eudcosem a seita, que tripudiou sobre o cadaver de Socrates; ergão-se os Leucippos, os Democritos, os Mephistopheles de todos os tempos, e neguem, neguem tudo, desde a existencia de Deos, até a dignidade de que o homem reveste-se e attinge na crença da immortalidade d'essa essencia sublime, que o anima, que o eleva até a honra, a justiça, a familia, até á propria divindade!... neguem, que sobre a materia decompondo-se, na treva immensa da duvida, na decadencia dos costumes e da moral, na onda assoladora do epicurismo, sobrenadando no naufragio do espirito humano, esplenderá radiosa a luz eterna da omni sciencia divina!



Deos é o verbo que expira no labio moribundo do selvagem e do sabio, do heróe e do martyr! Deos é o hymno d'alvorada, a harmonia da musica das espheras, a melodia da natureza! Deos é a esperanza do encarcerado, do opprimido e do naufrago; o ideal da sã phylosophia, a inspiração do poeta e a glorificação da virtude! . . . O ai dolente da viuva, da mãe, da orphã, do desgraçado é ainda um appello á sua infinita misericordia! . . .

Nharinha, espirito inculto, que não podia comprehender os mysterios de uma religião convencional, adornada pelos ouuropeis do fanatismo, desesperando do remedio da terra, impossivel á sciencia, tentava pela promessa, pelo voto de um sacrificio heroico, obter-o do céu.

No fundo do pomar da casa de Juca Antonio corria entre uma dupla cortina verde da folhagem da restinga um riacho, que após serpear pelos valles, formando mil graciosos arabescos, como que suspendia a raudal e o murmurio da corrente, e, nas voltas de uma espiral caprichosa, ia cair n'uma bacia de rocha, ensombrada pela copa frondente de uma soberba guajuvira. Era ahi a fonte da casa. . . e o templo, onde Nhara, fartando-se a todas as vistas, ia render a immaculada oblação de sua alma á Virgem Maria, a doce mãe dos desgraçados, a quem, pelo amor do Christo, invocava a salvação de sua inditosa mãe, na prece muda, na prece que o labio não pronuncia, mas os olhos do crente instillão no céu.

Nico, que a seguira sem que fosse apercebido, de joelhos, porque só de joelhos poderia adoral-a, contemplava-a em extase tão religiosamente profundo como o de sua noiva.

O' sublime religião do Calvario, a singeleza d'aquelle quadro, impõe mais a tua divindade do que o culto ruidoso, a gala profana e ostentosa e a cerimonia inconcebivel das soberbas cathedraes, onde os teus pseudos ministros celebrão-te os sublimes mysterios. O' Chateaubriand immortal, tu sentistes aquillo que vasastes d'alma ao divino poema! . . . nas tuas sublimes paginas do *Genio do Christianismo* tressua o perfume suave das montanhas e das florestas e não o asphixiante incenso dos thuribulos d'ouro! . . .

Finda a oração, Nharinha ergueo-se, e com a agua lypida da fonte, procurou apagar dos olhos o signal das lagrimas, que os innundavão; tomou um longo sorvo d'esse ar balsamico das flores das trepadeiras silvestres, semelhantes a estrellas esparsas na clamyde verde da matta, e um suspiro fugio-lhe do seio oppresso.

Nico orgueo-se tambem, e sem consciencia do que fazia, dirigindo-se a fonte, sorprehendeo o suspiro de Nhara.

-- Sempre triste. Nharinha!

— Oh! não! Eu tenho muita fé, primo Nico, e a Virgem da Conceição não abandona nunca aquelles que com ella tem devoção. A mamãe ha de ficar boa, e depois o primo . . .

— Sim Nhara, a nhã tia ha de sarar, e eu . . . eu, é que já não sei se te quero como se ama a gente, ou como se adora uma imagem. . . . Oh! se eu te podesse metter no oratorio. . . .

— Primo Nico! Eu sou uma pobre peccadora. . . .

— Tu, Nhara, tu és um anjo de amor, de bondade e de pureza. . . tu és uma santa, porque eu nunca senti tanta religião dentro da igreja, como ha pouco aqui, no meio do matto, quando tu re-savas. . . quando tu me fazias pela primeira vez ter ciumes, ciumes dos anjos do céo, que vinhão n'um raio do sol beber em beijos o pranto dos teus olhos.

— Ora, onde é que se vio ter ciumes dos anjos, primo Nico?

— Tive-os, sim, e só d'elles eu poderia ter zelos, porque de ninguem mais os teria. Pcr Deos! que sim, prima Amelia, que eu te fallo com o coração na boca: se houvesse um homem tão ousado, que te beijasse contra a tua vontade, eu, por mais grulha que elle fosse, o ataria á colla de dous potros, e os tocaria campo fóra depois de ter cortado os beijos ao confiado; mas se alguém houvesse tão feliz, que te beijasse, com o teu consentimento e por teu gosto. . . Hê pucha! prima Nhara, que d'esse eu beberia o sangue e depois. . . depois te procuraria, para a tua vista esfaquear o coração que te amou. . . eu me mataria!

— Pois então-se o primo vingue-se do home, que, com o meu consentimento e por meu gosto, vai dar-me o primeiro beijo!

E enrubescendo, a tímida moça inclinou a fronte ao hombro do homem, que no dia seguinte ia desposal-a, como a flor da nimphéa se reclina na corrente, que a deve arrebatat e submergir.

Continúa

*Daymã.*

## ESBOÇO BIOGRAPHICO

---

### O DR. LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO

Escrever a biographia do Dr. Laurindo José da Silva Rabello depois que robustos talentos o fizeram, é talvez arrojo que só o cumprimento de um dever poderá justificar.

O que poderemos nós dizer que não saiba o paiz relativamente áquelle genio que passou veloz, deixando após si um traço luminoso e indelevel assignalando a senda que conduz á sabedoria?

O que poderemos dizer depois que vozes unguidas de eloquencia pronunciarão aquelle nome com respeito e saudade, fazendo-o eterno nas paginas da historia patria?

Nada, porque só o genio pode render preito ao genio: nada, porque não pode o passaro de vôo limitado fender os ares e librar-se no infinito das aguias. E o Dr. Laurindo remontou-se tanto que não nos é dado, fracos como somos, medir-lhe a grandeza do remigio.

Quem não o conheceu?

Quem não o vio, pallida a fronte e o olhar scintillante, fitar o espaço, como que o achando acanhado para o vôo, prender as multidões com a magia da palavra?

No emtanto teve a sorte dos genios; lutou com a miseria, lutou com a sociedade, lutou com a propria patria, até que cansado pendeu a fronte entristecida, e vôou aos pés de Deos.

E a patria que tão pouco o prezára perdeu uma de suas mais brillantes glorias, e a sociedade um de seus mais bellos ornamentos!

Então erguerão-se os monumentos que lhe eternisão a memoria, e que jamais serão derrocados pelo tempo, a attestar ás gerações vindouras as epopéas do genio que passou.

E a patria que as mais das vezes ufana-se d'aquelles que menos lhe merecem esquecendo justamente os que a engrandeceem, se quer não plantou-lhe um goivo á beira do sepulchro!

As obras do Dr. Laurindo e a admiração dos que o comprehenderão são os seus únicos, porém valiosos monumentos.

Tentemos porém escrever algumas palavras sobre a vida de tão grande talento.

Nasceu o Dr. Laurindo no dia 3 de Julho de 1826, no Rio de Janeiro, sendo seus pais o capitão Ricardo José da Silva Rabello e D. Luiza Maria da Conceição.

Educando se nos principios da mais pura moral mostrou Laurindo desde os mais tenros annos um talento robusto e decidida vocação para as sciencias.

Estudou os preparatorios, e tornou-se n'elles tão distincto que os proprios mestres o respeitavão, e não poucas vezes os levára elle de vencida, produzindo argumentos taes que os obrigava a aceitar as idéas que avançava, algumas vezes consequencia de bem combinados sophismas.

Tal era a dialectica de Laurindo.

Levava ao espirito dos que se dizião esclarecidos a convicção de qualquer factó por absurdo que fosse, e não havia objecção que destruisse os seus argumentos.

Tendo mostrado aptidão para o sacerdocio, matriculou-se no seminario de S. José, onde recebeu ordens menores, sendo lhe concedido prégar.

Laurindo pois tinha diante de si um largo horisonte, e pressuroso subio á tribuna sagrada, no Rio de Janeiro, prégando n'uma festa de S. Pedro.

Aquella voz reboou eloquente no templo do Senhor, e o povo creu nas verdades proferidas pelo minorista. Conquistou elle a sympathia publica, porem a inveja dos que não lhe podião disputar a eloquencia e o saber fizera o bispo cassar-lhe a licença, o que de tal modo indignou Laurindo que fel-o abandonar a carreira que havia encetado.

Despindo-se então das ordens menores matriculou se na escola militar.

Genio satyrico, mesmo quando o coração gemia ao peso dos dissabores, foi ali infeliz; pois tendo satyrisado o filho do director da escola, buscou este vingar o filho, obtendo que fosse trancada a matricula de Laurindo, e o que é mais, ordem para que fosse recrutado.

Soffreu Laurindo horrivel perseguição, á qual fugio matriculando-se na escola de medicina, para o que concorrerão os seus amigos e admiradores promovendo uma subscrição.

Estudou Laurindo dois annos, e não pôde continuar porque a miseria o accommetteu.

Foi esta uma das mais tristes quadras da sua vida. Alma sedenta de gloria, sentia-se batida pelo infortunio, talento avido de saber via afastar-se a luz que procurava.

E' triste de dizer se: Laurindo vendia a paternidade de suas obras para poder subsistir!

Foi n'esse tempo que alguém que encarava a dignidade como um sentimento vão, lembrou-se da penuria de Laurindo para insultal-o, offerecendo-lhe grandes vantagens afim que escrevesse contra seus correligionarios *politicos*.

Laurindo repellio o insulto, e mais um miseravel teve occasião de acreditar na virtude; Laurindo preferio a miseria e continuou a supportal-a até que o conselheiro Dr. Souto, lente da faculdade da Bahia veio ao Rio de Janeiro e estendeu-lhe protectora mão

Encontrara pois o infeliz mancebo um verdadeiro amigo, e com elle seguiu para a Bahia, onde matriculou-se na faculdade de medicina e concluiu o curso distinguindo-se sempre.

O que faltára á Laurindo na cõrte, encontrára na Bahia; era admirado por todos, tinha amigos sinceros em todas as classes sociaes, e, quando adoccia, tinha á sua cabeceira o conselheiro Souto e mais lentes da academia.

Não esqueceu elle porem a sua terra natal, e tendo concluido o curso medico na Bahia, quiz receber o grão de doutor no Rio de Janeiro, onde sustentou these com grande esplendor.

Formado, pensou elle que a sorte o favorecesse, e contou com um risonho futuro.

Infeliz! Entendia, alma grande e generosa, que todos deverião sentir como elle, e o desengano veio mostrar-lhe a desigualdade de sentimentos que ha entre os homems.

Collegas o desacreditavão dizendo-o incapaz de exercer a medicina, porque era poeta, e os doentes assim não o procuravão.

Não tendo clinica continuou Laurindo a soffrer até que resolveu pedir ao ministro da guerra que o fizesse cirurgião militar.

Immediatamente baixou o decreto de 23 de Setembro de 1857, e Laurindo entrou para o corpo de saúde do exercito com a gradação de tenente.

Á 5 de Dezembro do mesmo anno veio para a provincia do Rio Grande do Sul, onde servio no corpo de exercito em observação então organísado, e voltou a servir na guarnição da cõrte a 29 de Março de 1858.

Tendo-se casado a 2 de Janeiro de 1860 com D. Adelaide Luiza Cordeiro, veio pouco depois, a 5 de Abril do mesmo anno, servir de novo n'esta provincia.

Aqui ganhou Laurindo muitas sympathias, e não ha quem não o recorde sem pezar, e não lamente o seu passamento.

Realmente era elle um prodigio; quando desprendia a voz já como poeta, já como orador, já como mestre, arrancava dos que o ouvião estaticos ou o pranto, ou o riso; e assim é que tendo ido nesta capital á barra do tribunal defender um réo, o fez com tanta eloquencia, que o pranto humedecen as faces de todos os que assistião áquelle triumpho do talento.

Voltando para a côrte a 6 de Abril de 1863, foi, por decreto de 10 de Junho do mesmo anno, nomeado professor de grammatica portugueza, geographia e historia da escola militar, lugar que occupou com um brillantismo inexcêdível.

Mas pouco tinha que viver; cansado de uma vida toda cheia de tribulações, ia pouco e pouco perdendo o alento, até que no dia 28 de Setembro de 1864, á 1 hora da tarde, exhalou o ultimo suspiro.

Os ultimos mezes de vida foram para Laurindo mezes de martyrio; sentia a morte no coração, e chorava a esposa que deixava na pobreza; esforçava-se no trabalho escrevendo duas obras cujo producto poderia auxiliar a familia, e o trabalho mais o extenuava, mais abreviava-lhe os dias.

No entanto pôde conseguir deixar um compendio de grammatica nacional, e um outro livro para o ensino do soldado, apenas contendo os primeiros capitulos: a morte não o deixou concluir.

Eis resumidamente quem foi o Dr. Laurindo José da Silva Rabello: orador, poeta e philosopho, martyr do trabalho.

ARISTIDES.



# LADRÕES DA HONRA

DRAMA EM 4 ACTOS E 5 QUADROS

---

DENOMINAÇÃO DO ACTO :

MÃO SONHO

---

PERSONAGENS DO 1º ACTO

Affonso.  
Leonel.  
Panacho.  
Dr. Farinhas.  
Velasco.

Barão de Andiray.  
Carlos de Souza.  
Lucia.  
Jogadores, povo. etc.

A ACÇÃO PASSA-SE NO RIO DE JANEIRO

## ACTO I

O scenario representa a sala d'um café. Pequenas mezas de marmore, quadros independentes dos muros. Portas lateraes e no fundo, dando estas para outra sala, onde vê-se um bilhar rodeado de jogadores. Ao levantar do panno a primeira sala está vazia. Na segunda ouvem-se as vozes dos jogadores.

### SCENA I

Affonso e Leonel que entrão pela esquerda.

LEO. (*tristemente*) -- Então, Affonso, é esta a caza, onde poderei esquecer meus soffrimentos?

AF. -- Isto é um el-dorado para o coração, meu amigo.

LEO. -- O coração que soffre, busca a solidão, ama o silencio.

AF. -- Chimeras de poeta! Porem sentemo-nos, que a caminhada não foi pequena. (*Ambos vão sentar-se a uma meza á bocca da scena*) Fallaste-me no silencio, como um excellente anodyno; não tardará muito que faças sua apologia; porem, diz-me, não foi no silencio de teu quarto, funebre como teus pensamentos, onde encontrei-te abatido como uma mulher?

LEO. -- E' verdade; mas agora conheço que ha um só remedio para a dor, é a propria dor.

AF. -- E talvez aquelle livro que querias por força ler, sem conseguil-o, as taes -- Meditações poeticas -- ... Aquella coisa é de Lamartine, creio eu?!...

LEO. -- Não atires zombarias sobre um homem de genio esplendido que traduzio em verso os mais bellos e santos sentimentos do coração humano. Se hoje mais do que nunca o aprecio, é porque comprehendo que elle sentio o que derramou em melodias. Maltrata-me, se queres, com teu sarcasmo... (*Commovido*)...

Que é mais uma angustia em tantas angustias?... Uma gotta d'agua no oceano!...

AF. — Mas, Leonel, minha quêda não é para a poesia. Queres porventura que eu adore contigo a Lamartine, a quem não entendo e cujas paginas passam ante meus olhos como nuvens de vapores?

LEO. — Insulta-o, tens razão; confessaste que o não entendes! Elle eleva-se demais alto para ser visto pelos espiritos apoucados d'uma sociedade materialista e positiva; elle é a voz da crença, o sublime arauto de grandes verdades no meio d'uma geração bástarda, sceptica, e que adora um só deos — o bezerro de ouro, e que faz da honra e virtudes apenas palavras ouveas de sentido... Tens razão, meu pobre Affonso, este mundo contaminou-te bem cedo!

AF. — Será este o motivo. (*Um caixeiro atravessa a scena*) Holá, rapaz, traz-nos cinco garrafas de cerveja e uma de cognac.

LEO. — Meu Deos! Tu vais bober tudo isto?

AF. — Eu só, se não quizeres acompanhar-me.

LEO. — E não te embriagas?

AF. — A's vezes. É uma felicidade, quando tal acontece. A embriaguez affoga certas ideias sinistras... Em alguns traz torpor e um estado de estupidez lastimavel; em mim desenvolve a alegria, toruo-me um outro homem, um excellente companheiro de saturnaes.

LEO. (*pensativo*) — A embriaguez affoga certas ideias sinistras... Eu nunca embriaguei me...

AF. — Pois experimenta, e verás que tua amante e seu amavel pai (*O caixeiro traz as garrafas pedidas*) passar-te-hão pelo cerebro como um máo sonho apenas. (*Bebe*)

LEO. — A embriaguez affoga certas ideias sinistras!... Dá-me de beber... (*Toma um copo e bebe com soffreguidão*) Quero esquecer que sou proletario e portanto um miseravel; tanto significa no vocabulo social aquella condição! Quero esquecer que tu, pobreza, és a eterna inimiga da virtude!...

AF. — Tambem sou um dos desvalidos da sorte, mas a ventura sorri-me. Tenho os rédditos d'um guarda-livros e passo ás mil maravilhas. Creei para meu uzo um systema philosophico que a meu ver não é inferior a muitos outros em circulação. Admitto o mundo corrupto como está; snas theorias são as minhas. Assim o casamento para mim é uma questão commercial, e só tem valor real, quando entra nas operações de credito. O amor, como o comprehendes, Leonel, é contrario ás leis organicas de nosso seculo, é uma anomalia que lamento de todo o coração.

LEO. — Pobre Affonso, como o mundo corrompeo-te!

AF. — O digno de lastima és tu, meu sonhador, com estas theorias que encontrão um protesto em cada um de teus concidaões. Bellas theorias! Por isso soffres.

LEO. — Tu mesmo não soffres? Não o confessast: ha pouco, quando disseste: A embriaguez. . . .

AF. (*interrompendo-o*) — Ah! A razão é intuitiva. Quando nasci, atirarão-me às portas de teus pais. Elles, almas caridosas, receberão o engeitado, criarão-n'ó comtigo, sem nunca demonstrarem mais preferencia, para seu proprio filho do que para aquelle que o acaso e uma mãe desnaturada lhes dera. Sabes isto e sabes mais que o barão de Andiray, segundo dizem, é meu pai. O tal barão é rico como Crésó, e no entanto não lembra-se que tem um filho em mediocre posição e pobre como Job. Este esquecimento ou antes desprezo, este abandono completo, faz-me ter ideias sinistras. . . Se me fosse possível esbofetear aquelle barão! . . .

LEO. — Teu pai!? (*A' parte*) E o pai de Lucia!

AF. — Meu pai!? Seria sob outro ponto de vista. . . seria, se não me deixasse vegetar estupidamente sobre a terra quando, teuho consciencia, fui talhado para mais altos destinos. Bebamos. . . bebamos. . . A alegria repousa no fundo das taças. (*Ambos bebem, e continuão bebendo a revézes.*)

## SCENA II

Os mesmos e Panacho, que senta-se n'uma das mezas do fundo.

LEO. — Sinto vertigens, Affonso.

AF. — E' a minha panacéa que produz effeito (*Pausa*) Não vês, Leonel, aquelle individuo que acaba de entrar? Conheces?

LEO. — Não.

AF. — E' um amphibio.

PAN. (*Ao caixeiro*) — Café e cognac.

LEO. (*a Affonso*) — Já estás ebrio?

AF. (*soltando uma gargalhada*) — Ebrio?! Como te enganas! (*Levantando-se e dirigindo-se a Panacho*) Meu caro Panacho, eis uma pessoa que duvida do estado do jornalismo no paiz. (*Indigita a Leonel*) — Acha impossivel que ataques hoje os conservadores para amanhã defendel-os.

PAN. (*semi-risonho*) — Que queres, Affonso? A imprensa no Brazil é um balcão; quem mais dá, mais compra. Devia ser o modelo das instituições, onde em todas as causas a justiça sahisse sempre illeza, e é um bazar que a põe em almoeda e a entrega ao maior laço. Pertencia-lhe defender os interesses do povo contra os governos, dos pequenos e fracos contra os grandes e poderosos.

sos, e no entretanto, é uma lastima, vê-se forçada a offercer seu braço e seus esforços em prol do poder que calca aos pés a carta constitucional do paiz! Vê-se humilhada aos pés de qualquer barão ou commendador que estreiou n'uma immunda bodéga e com a introducção de moeda falsa e outras trafficancias elevou-se aos galarins d'uma aristocracia infame! A imprensa, entre nós, Affonso, é uma mendiga esfarrapada que aproveita as migalhas da meza do orçamento, que convive com a criadagem de quanto ladrão titular por ali anda. Para viver necessita ser venal. Relativamente a meus principios politicos, não fallemos. Primó, não aspiro tomar o timão do estado; secundó, os homens que devião manter-se escudados em snas ideias, são os primeiros a dar o exemplo das apostasias e concessões perigozas. O que mais significação as ligas e fuzões de partidos incompativeis e incoherentes em sua natureza? Não accúzem o povo de transigir com os seus sentimentos, o máo exemplo partio de cima, de seus delegados.

LEO. (*á parte*) — Eis um bandido que faz sua profissão de fé!

AF. — Bravo, meu jornalista! N'esse andar nem Cicero contigo!... e muito menos eu! O que te assevero comtudo é que, se em teus libellos diarios ultrajas a Pedro e Sancho, digo cá com os meus botões: Devem ser honestos. Sinto sempre o azinhave da moeda em cada uma de tuas palavras...

PAN. (*interrompendo-o*) — Basta! Tua franqueza, Affonso, já assemelha-se a atrevimento!

AF. — Pois a verdade offende-te o melindre, Panacho!? Perdoa-me, casta Suzanna...

PAN. — Sei, sei, são influencias alcoolicas; porem deixemos um thema que conheces tão perfeitamente como todos os bons pensadores do tempo. Que o invento de Guttemberg transformouse em uma impudica cortezã, está provadissimo. Não somos os culpados, quando vim ao mundo já o encontrei prostituido; nossos progenitores são os unicos responsaveis perante a historia moral dos povos.

LEO (*a parte*) — O' cynismo que o mundo corteja!

AF. — (*a Leonel*) — Então, Leonel, não melhoraste ainda da paixão? Vais dizer-nos o nome d'esta sylphide mysteriosa, d'esta sereia, cuja voz prendeu-te a um destino fatal, não é?

LEO. — Deixa-me, sinto a cabeça ourejar...

AF. -- Effeitos da minha dóse... Porém falla, explica-te; a linguagem é o telegrapho do pensamento e um desafogo para os mais intimos pezares. Quando o coração soffre, a palavra d'um amigo é um balsamo consolador que vale mais do que os récipes de todos os esculapios do mundo. Somos de segredo, eu e o pu-



blicista Panacho, que não irá de certo comprometter-te pelas columnas da *Voz da Verdade*, sem interesse de bom cunho e timbre-argentino.

PAN. — E se tal se der, é um negocio tão licito como qualquer outro. O negociante vende muito honradamente gato por lebre a seus freguezes. O advogado sempre encontra justiça na peor causa que lhe cahe em mão, e para demonstral-a, não trepida mesmo em diffamar a parte contraria. Por toda a parte a questão é uma e unica, é de dinheiro. E se o Sr. Leonel algum dia precisar de mim em transacções de mutuo interesse, sempre estarei ás suas ordens.

AF. (*rindo-se*) — A quem fallas; Panacho? Leonel dorme o somno da innocencia. Não gastes tua eloquencia no deserto.

### SCENA III

Os mesmos e Velasco que vem da sala do bilhar

VEL. — O' Affonso e Panacho aqui! Não adevinhava!

AF. — Nem pelo cheiro do café? E' de extranhar!

VEL. — Fizeste bem em lembral-o. Qual de vocês manda-me vir uma chicara. Estou a tinir, o ultimo real foi-se n'uma partida de bilhar. Affianço que nunca andei em maior pirangagem.

AF. (*ao cuixeiro*) — Café para este moço. (*A Velasco*) Se queres cerveja e cognac; ali temos.

VEL. — Agradecido. Gastas como um millionario, Affonso. (*Ao cuixeiro*) Traz me tambem sequilhos ou confeitos.

AF. — Fica certo que não devo a patife nenhum, e se ousarem dizel-o, vou direitinho á folha de Panacho. Em tres ou quatro mofinas bem adubadas de certos epithetos esmago o insolente. Sou um doido, um extravagante, um perdulario; mas meço a despeza pela receita. Quero ter sempre a fronte erguida diante de certos barões...

VEL. (*tomando café*) — Os barões são teu pezadelo... Ah! Vocês não virão Carlos de Souza?

PAN. — Não.

AF. — Porque?

VEL. — Tinha-me promettido uma boa janta, no hotel de França, ou antes ganhei-a muito honradamente em algumas carambolas, e fez-me esperar em vão duas longas horas.

AF. — Estou certo que não jejuaste. Quem pagou por elle?

VEL. — Sabes perfeitamente que não sou bizonho na côrte.



Fui pois fazer uma visita ao meu amigo de data recente, o barão de Andiray.

AF. (*indo buscar um copo de cognac*) — A' saúde do grande do imperio, o financeiro e illustre barão de Andaray. (*Bebe, com soffreguidão*). Não de confessar, meus amigos, que é uma personagem distincta. Pena é que tenha uma só herdeira a legar tantos thesouros. Para que não te casas com a filha Panacho, tu que em teu jornal defendes tão denodadamente seus interesses bancarios?

PAN. — Sou o antipoda do casamento. Defendo-o, porque é o contribuinte mais generoso da *Voz da Verdade*, e um dos fortes sustentaculos da imprensa. Se cobres o lanço, amanhã faço autopsia n'aquelle cadaver social. E o menos que farei, é chamal-o no artigo inicial e em lettras garrafaes de ladrão, o que é em fundo a mais palpitante verdade.

AF. — Terias uma fortuna, se eu o pudesse... E tu, Velasco, porque não lhe requestas a filha?

VEL. — Porque outros anteciparão-se. Um é o obscuro e mediocre mestre escola de nome Leonel, que, hontem indo pedil-a, foi despedido como um villão. O outro é o meu amigo Carlos de Souza, que está nas boas graças do pai, ainda que não esteja nas da filha. A menina, creio, apaixonou-se pelo tal mestre escola.

AF. (*pensativo e comsigo*) — Por isso Leonel occultou-me o segredo de seus amores.

## SCENA IV

Os mesmos e o Dr. Farinhas

FAR. (*cumprimentando-os*) — Meus senhores, boas noites. (*Sentando-se*) Puff! Puff! Que calor! Minha obesidade está desfazendo-se em suores... O Reaumur subio hoje a seus quarenta grãos... Puff! Vou mudar-me para a Siberia... Perderei a immensa clinica grangeada aqui, mas não as carnes. (*Vendo o jornalista*) Ah! carissimo Sr. Panacho, por aqui?! Agradeço-lhe os encomios que me dirigio sobre a admiravel amputação collectiva dos quatro ultimos ossos do metacarpo; mas a mulher morreu. Não por culpa minha, sómente sua; apanhou um fornidavel tetao.

PAN. — Eis o que eu não sabia, doutor. (*A Affonso*) Papalvo! Não vio que eu o elogiava para depreciar o merito real do Dr. Mascarenhas.

FAR. — Puff! Puff! (*Desata a gravata e desabotoa a casaca*)  
Holá, (*Ao caixeiro*) sorvetes! Sorvetes! Puff! Puff! Hoje morro  
de combustão espontanea. (*O caixeiro serve-o*)

VEL. (*ao caixeiro*) — Traz-me alguns confeitos. Depressa...

LEO. (*sonhando*) — Lucia! Lucia!... (*Todos prestão atten-  
ção*) Eu te amo. . . Se soubesses, Lucia, as lagrimas que tenho  
derramado por tua causa?! (*Pausa*) Lucia... sou eu, eu, Leo-  
nel... Escuta, donosa visão dos sonhos castos... não me fujas...  
és o doce laço que me prende á vida... a fonte das alegrias do  
lar... O lar!... O' minha mãe! minha mãe! (*Murmura ainda  
algumas palavras inintelligiveis e cala-se de todo.*)

PAN. — Magnifico episodio para um folhetim.

VEL. — Será o tal mestre escola? Que bello assumpto de  
conversaçoão!

FAR. — Ingenua creatura embriaga-se por amores!

AF. (*a Panacho*) — E' meu irmão, uma innocente criança,  
doente do coração. Eu sou o culpado. Tive a louca pretençaõ de  
vir eural-o n'um botequim.

PAN — Contarei o facto sem declinar nomes ou então sob o  
nome de algum de meus inimigos.

AF — Sim, qualquer outro, o meu por exemplo.

LEO. (*continuando*) — E duvidaste, Lucia, de dois annos de  
fidelidade?... Durante esse tempo, como te amei!... Como tua  
imagem não abandonou-me um só instante!... Desenhava-se em  
minha alma como a estrella na mesma constellação com o mesmo  
brilho sempre!... Como a arvore da margem no espelho da  
lympha! Tua imagem... era o pharo de luz n'uma senda de  
abysmos... era o raio da inspiração... (*Pausa*) Como consentis-  
te... Teu pai offendeu-me, muito! muito! (*Ouve-se na rua o  
rodar de carros, e um choque. Gritos, tumulto, etc.*)

VOZES — Um abalroamento! (*A sala do bilhar esvazia-se;  
quasi todos correm á rua.*)

AF. (*a Panacho*) — Quanto a mim a terra podia esbarrar em  
algum cometa... ser-me-ia indifferente.

PAN. — Com uma clausula, salvando-se a imprensa, os jorna-  
listas e os leitores.

FAR. — Salvando se a medicina.

AF. — E a humanidade, Dr.; porque entre mortos não exer-  
ceria suas funcçoões.

VEL. (*comendo*) — Concordo com todas as opiniões...

SCENA V

Os mesmos e o barão de Andiray e Lucia que vem em braços, povos, etc. ( *Todos rodeião os recém-chegados, excepto Affonso.* )

PAN. — Que desastre! V. Ex.<sup>a</sup> magoou-se? Amanhã tratarei em artigo de fundo sobre a incuria da policia.

BAR. — E eu vou metter na cadeia o boleeiro que teve a audacia de interromper meu passeio.

FAR. ( *Tomando o pulso a Lucia* ) — Sim... uma syncope... resultado do abalroamento... pôde ser susto... ás vezes é uma enfermidade de character assustador... alguma lezão nos órgãos internos... aneurismas... Deitem-lhe provisoriamente pannos molhados nas fontes e deem-lhe algum cheiro a aspirar. Papel e tinta para a receita. ( *Trazem-lhe o que pedio, e senta-se para escrever.* )

AF. ( *á parte* ) — Eis o mundo aos pés d'um dos protegidos da fortuna! O mundo que adula a placa e fitão na immundicia das alporcas! E eu, o filho d'este homem, eu que ennobreço-me no trabalho, o que valho n'esta scena?! O' comedia, eterna comedia de todos os tempos, de todos os povos e de todas as sociedades! Dinheiro eu te saúdo! ( *Bebe* ) Eis o que me consola!

BAR. ( *que está a borrisar agua no rosto de Lucia, aos circumstantes* ) — Os senhores far-me-hão o favor de affastar-se... não impeção o ar a minha filha... ( *Todos affastão-se para o fundo, excepto Farinhas e Velasco* ) — Dr., já mandou a receita?

FAR. — Já deve estar na botica.

BAR. — Mandem vir algum espirito.

VEL. — Aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> o meu frasquinho de patchuli.

BAR. — Agradecido.

LEO. ( *que tem estado como allucinado durante esta scena, deixando cahir de novo a cabeça* ) — Lucia, eu te amo...

BAR. — Quem é este bebedo? ( *Dirige-se á meza em que está Leonel.* )

AF. ( *interpondo-se e medindo-o de alto a abaixo com os braços cruzados sobre o peito.* ) — É' meu irmão, Sr. barão de Andiray.

BAR. ( *recuando e á parte* ) — Este rapaz é um remorso vivo! ( *Alto* ) Já veio o outro carro?

VEL. — Não, Sr. barão; mas se V. Ex.<sup>a</sup> tem pressa, vou buscar um...

BAR. — E' favor.

LEO. — Lucia! Lucia! Como me deixas n'esta agonia?

LUC. (*voltando a si*) — Quem me chama? O' esta voz? Eu'a conheço! . . .

BAR. (*à parte*) — Inferno! Que escandalo! (*Alto*) — E' um ébrio que chama por outra Lucia que não és tu.

LEO. — Lucia, pois-hei de morrer sem ver-te ainda uma vez? Sem ouvir mais os sons de tua voz angelica, que fez pullular em meu peito todos os grandes sentimentos? Não me fujas, Lucia. . . por piedade!

LUC. (*um grito arrancado do intimo d'alma*) — Leonel.

LEO. (*que ergue-se*) — Lucia! Ambos estão de pé, contemplão-se, vão lançar-se nos braços um do outro. O barão desesperado segura a filha. Leonel cambaleia e cae nos braços de Affonso. Ouve-se o rodar d'um carro que pára à porta.)

BAR. (*furioso*) — Panacho (*Baixo*) Amanhã maltrate sob minha responsabilidade aquelle maltrapilho. (*Tirando uma carteira e entregando-a a Panacho.*) Aqui tem quinhentos mil réis. . . Minta, calumnie, quero vel-o morto. Se fôr de meu gosto car-lhe-hei o dobro, o triplo. . . (*Cumprimenta a todos e sae arrastando a filha desfeita em prantos.*)

## SCENA VI

Os mesmos menos o barão e Lucia. Varios grupos se formão aqui e ali em conversação animada.

LEO. (*que tem novamente cahido no somno da embriaguez, semi-desperto*) — Que sonho horrivel! No entanto, parece que a vi! Mas foi sonho. . . até dormindo vejo-a, amo-a tanto! (*Deixa novamente cahir a fronte.*)

AF. (*contristado*) — Pela primeira vez em minha vida sinto remorsos! Que máo espirito aconselhou-me a trazer meu pobre irmão a esta casa? Que scena escandalosa! Como não vai amanhã soffrer sua reputação? E é innocente. Sua alma tem a transparencia do crystal. Com quanta razão não vai accuzar-me a boa Maria? . . . O' barão de Andiray, tu és o meu eterno phantasma e de toda a minha familia adoptiva! (*Fica em attitude meditativa junto de Leonel.*)

SCENA VII

Os mesmos e Velasco.

VEL. — Onde está S. Ex.ª?

FAR. (*que está saboreiando um sorvete*) — Retirou-se com algumas dores de cabeça.

PAN. (*achegando-se a Velasco, em voz baixa*) — Quero propor-te um negocio.

VEL. — Lucrativo e sem trabalho?

PAN. — Uma sinecura verdadeiramente ministerial.

VEL. — Quaes as condições?

PAN. — Quazi nada, um falso depoimento.

VEL. — Eu??

PAN. — Não queiras ostentar catonismo; os arcs austeros não se amoldão a uma larva de horta.

VEL. — Isto, Panacho, já parece offensa...

PAN. — Não gosto dos euphemismos; prefiro as definições. Dizer o que uma coisa é, creio não se acha em nenhum codigo como ultraje. Denominar-te de larva é apenas tornar-me echo de toda a população que conhece-te pelo epitheto de — parasita. Agora queres o negocio? Dou-te desde já 100\$000 rs., se annuïres; se não pespego-te em uma moína todos os domingos e dias santificados...

VEL. (*risonho*) -- Este Panacho tem ideias!

PAN. — Ainda bem que voltas ás boas.

VEL. — Qual é o depoimento?

PAN. — Uma nuga forense. Has de jurar, se necessario fôr, que o mestre-escola Leonel vive ebrio pelos hoteis, tabernas, etc.; que até é ladrão, pois roubou-te ... uma qualquer coisa.

VEL. — Falsario! Hum! hum!... E depois eis-me ás voltas com os tribunaes....

PAN. — Tu que lutas com a sociedade em pezo, tu que a esfolas diariamente, a absorves, temes mais uma victima? Depois desprezão-te, injurião te, e não terás um desforço? Vês aquelle moço adormecido? (*Indigita a Leonel*). Elle é um dos grandes representantes d'esse mytho a que chamão moralidade, idolo falso invocado para a apreciação do proceder alheio, para o programma fallaz dos partidos, em todos os libellos e pasquinadas; porem esquecido sempre na analyse dos proprios actos, na applicação dos principios, na pratica da vida positiva: é um bonito rótulo do generoso vinho de champagne sobre uma garrafa de liquor de



maçãs. Ceva pois tua vingança n'aquella alimaria; ella é a encarnação da vida social. Olha, inda tens a teu favor: não serás a unica testemunha, buscarei duas ou trez para confirmarem o que vou escrever a respeito de Leonel.

VEL. — Sim, tens razão, devo aceitar.

PAN. — Se o não aceitasses, não passarias de um sandeo. Toma as primicias da safra. (*Abre a carteira e dá-lhe algumas notas*) São cincoenta mil réis, é o prefacio da obra, e por elle debes apreciar-a. E' coisa melhor que o Rocambole.

VEL. — Vamos a uma partida de bilhar.

PAN. — Fumemos antes. Toma um charuto, comprei-o por Havana; mas... (*rindo-se*) é possível que traga o lettreiro d'algum idolatra da deoza moralidade. (*Entrão na sala do bilhar, para onde pouco a pouco retirarão-se os grupos que estavam na primeira sala*).

### SCENA VIII

Farinhas, Affonso e Leonel.

FAR. (*à parte*) — Felizmente a noite foi rendoza. Amanhã apresento uma conta ao barão de 2:000\$000 rs. Acudi a uma terrivel catastrophe em frente do Café Pedro II. As consequencias, se não forão fataes, podião sel-o. Se o barão recusar-se ao pagamento, irei diffamal-o por toda a parte, onde houver um doente a visitar... Os pobres não pagão, porque não tem, mas os ricos?... Veremos... Para derrubar um banqueiro não são necessarios chumbo e polvora, duas ou trez palavras bastão. (*Observando a Affonso*) O barão parece receiar-se d'aquelle moço... entre os dois existe alguma coisa de mysterioso... está dormindo?

AF. — Pensava, Dr., o que bem poucas vezes tenho feito em minha vida. Que deseja?

FAR. — Que opinião faz do barão de Andiray?

AF. — Qual a sua, Dr.?

FAR. — A minha?... A minha?

AF. — Sim.

FAR. — A minha?... O Sr. leo a theoria phrenologica do Dr. Gall?

AF. — Apenas a conheço de outiva.

FAR. — Pois por cima da orelha ha duas bóssas que o barão tem bem desenvolvidas.

AF. — Não o entendo.



FAR. — Um d'estes lobulos é indicio evidente do instincto sanguinario; o outro que se acha collocado per cima caracteriza o roubo, a astucia, etc.

AF. — E' a opinião de Gall? E a do Dr.?

FAR. — Curvo-me a tão illustre autoridade.

AF. — Então o barão...??

FAR. — Pelo craneo, segundo Gall...

AF. — Tem disposições naturaes para o homicidio, o roubo? E não haverá alguma bóssa, séde da libertinagem?

FAR. — Sem duvida, na região occipital, e o barão a tem bastante volumosa.

AF. — Concordo, Dr., com a sua opinião, e quando tiver tempo, dedicar-me-hei a tão maravilhosa sciencia. O barão é capaz de todos os crimes... é um verdadeiro bandido que vive impune á sombra da fortuna. Eu voto-lhe um odio fidalgal.

FAR. (*á parte*) — Eis um homem que me serve. (*Alto*) — Todas as noites vem por aqui?

AF. — Quasi sempre. Das 6 da manhã ás 6 da tarde trabalho no escriptorio; das 6 da tarde ás 6 da manhã sou senhor do meu tempo, levo a vida de bohemio.

FAR (*erguendo se*) — Então até breve. (*Saída e sae*)

## SCENA IX

Affonso e Leonel.

AF. — O Dr. prepara-me alguma das suas... Quer fazer-me talvez de seu instrumento. Causa lastima este Dr. Farinhas, cujo pergaminho apeuas serve para envergonhal-o! Ignorancia, pedantismo e libertinagem são qualidades incompativeis com o sacerdocio da medicina... Deixemos, porem, o mundo e vamos ver se tiramos d aqui o pobre Leonel. (*Sacudindo-o*)... Leonel!... Leonel...

LEO. (*despertando*) — Ah! és tu, Affonso? Dormi, não? Muito? Tive sonhos horrivéis... Eu a vi ali... Sonhei ou foi a realidade?

AF. — Sonhaste... Vamos para a casa. Nossa mãe deve estar inquieta, pois a noite vai alta.

LEO. — Não, teu remedio é excellento. O botequim agrada-me. Vamos ao bilhar. De distracção em distracção poderei esquecer-a.

AF. — Tuas vontades são as minhas. Vamos... (*Levantão-se*).

LEO. (*pensativo, detendo-se no lugar onde estivera Lucia*) — Era capaz de jurar que a vi aqui, que nos contemplamos...

AF. — Sonhaste. . . . (Toma-o pelo braço e entrão na outra sala).

SCENA X.

Carlos de Souza e dois companheiros.

1.º COMP. (a Carlos) — No tacho, nos amores e no copo não tens rival.

2.º COMP. — Sans doute. Pensei um dia lutar contigo, quando ambos disputavamos o coração de Adriana, mas fiz uma memorável retirada para evitar a mais completa derrota.

CARL. (com affectada modestia) — Vocês me acabrunhão, meus amigos. Não sou dos peiores jogadores; mas. . . (Pausa intencional)

1.º COMP. — O rei dos jogadores! Quem faz ali 50 carambolas sem interrupção?

CARL. — Não sou o primeiro heróe das festas bacchicas. . .

1.º COMP. — C'est de la modestie. Nenhum filho de Albion se duellaria contigo. Tu es la gloire de la jeunesse brésilienne et je te donne mes félicitations.

1.º COMP. — N'este ponto, Carlos, deves tambem concordar que sou um rival digno de ti.

CARL. — Quanto a amores, sim, não sei porque sou feliz como D. Juan.

1.º COMP. — E's um aborto de felicidade.

2.º COMP. — C'est vrai! C'est vrai! Le bonheur en personne.

CARL. — N'isto tem razão, sem basofia da minha parte. Não ha praça que não capitule com a minha presença. Vou contar-lhes a minha ultima victoria. Conhecem o barão de Andiray?

2.º COMP. — Je fus présent à sa dernière soirée.

1.º COMP. — Conheço-o de vista; mas sei de tradição que é um grande banqueiro. . .

2.º COMP. (interrompendo-o) — Comme il faut! . . .

CARL. — Apesar do pai devem confessar que a filha é um anjo.

1.º COMP. — Um sonho de poeta! Uma visão ao luar! Uma. . .

2.º COMP. — Une houri vraiment!

CARL. — Pois ella sentia inclinação por um professor, o qual, dizem, é poeta, o poeta pobre e sem posição. . .

1.º COMP. — Um cavalheiro de industria!

2.º COMP. — Un Jérôme Paturot!

## SCENA XI

Os mesmos e Leonel

CARL. — Apenas vi Lucia, senti-me apaixonado, apaixonadissimo... Fallei ao barão sobre as minhas pretensões e fui aceito com benevolencia, e o tal professor, que ousou pedir a mão de sua filha, era pelo mesmo tempo despedido como um laçao. (*Leonel que tem apparecido na porta do fundo e ouvido o final da phrase, detem-se e escuta*). Lucia ama-me, presentemente nossos desejos, nossas aspirações confundem-se. (*Leonel mostra-se agitado*).

1.º COMP. — Não tiveste ainda, como é teu costume, alguma prova d'este amor?

CARL. — Se tive? E dois corações que se amão, se procurão, trepidarãõ em romper a estúpida barreira das convenções sociaes? Quantas noites já não tenho passado ao lado d'ella em doce rendez-vous? Quantas confidencias, a sós, no silencio das horas propicias, não temos trocado?

Os dois COMP. (*rindo-se*) — Ah! Ah! Ah! Bravo! C'est de la poésie!

LEO. (*desesperado*) — Oh! ladrões da honra! (*A Carlos*) O Sr. mentio.. semeou mais uma calumnia em sua passagem fatal! E' um d'esses baixos detractores que a cada passo deixão uma podoa na vida do cidadão honesto, arrastando-o ao poste da diffamação; que não tremem mesmo em jogar ao desprezo, á deshonra, o nome de uma pura e innocente criança!

CARL. *asestando a luneta sobre Leonel e medindo-o sarcasticamente*) — O Sr. é o tal mestre escola?

LEO. — Sim, mestre escola, titulo honroso, porque é nada menos que o de architecto das nacionalidades; sim, mestre escola, modesta condição, que neste momento vale tanto mais em minha consciencia, quanto distancia-me do senhor, nascido no berço d'uma supposta aristocracia brasileira... Aristocracia! Na liberrima terra da America ha só uma: a do trabalho e da virtude, e esta o senhor não tem...nem póde tel-a.

1.º COMP. — Isto já passa a inselencia!...

CARL. (*ao companheiro*) — Deixa-me debicar este pobre diabo..

LEO. (*exacerbado*) — Que vai fazel-o retratar-se do que asseverou, ha pouco... E ha de dizer em voz bem alta que mentio,

foi leviano, e não pãssa de uma basofia tudo que acabou de articular... Hade confessar que, Lucia com tão elevados sentimentos, com o coração tão puro, não desce tão baixo, nem sequer um instante pensou no senhor...

CARL. (*rindo-se*) — Ah! Ah! Ah! Que comedia! (*Affonso apparece*).

## SCENA XII

Os mesmos, Affonso, Panacho, Velasco e outros

LEO. — E' demais! (*Esbofetêa a Carlos*).

CARL. — Miscravel! (*Vai lançar-se sobre elle. Affonso interpõe-se. Outras pessoas correm da sala do bilhar*).

AF. — Que fiz, meu Deos?!

LEO. (*querendo desprender-se aos que o segurão*) — Deixem-me... deixem-me...

CARL. (*o mesmo*) — Hei de matal-o...

PAN. (*contemplando os grupos com superioridade*) — Feliz estrellada dos jornalistas!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

IRIEMA.

# A QUEDA DE UMA VIRGEM

(CONTO \*)

---

A' MANFREDO

I

Carlinda era uma gentil menina de 15 annos. Tinha no rosto os delicados traços da belleza, nos olhos o poder da attracção, nos labios o sorriso da ingenuidade e no coração... a volubilidade da mulher.

Filha de pais ricos, ella via a existencia deslizar-se-lhe placida e suave, como os seus candidos sonhos de criança.

Nea sequer uma nuvem de tristeza tinha empanado o brilho de sua fronte virginal.

Os seus menores caprichos erão immediatamente satisfeitos.

A todos os divertimentos ella corria pressurosa e doudejante. Aos passeios, que agradão, ás festas, que distrahem, aos theatros, que moralisão e aos bailes, que geralmente corrompem; ella nunca faltava.

II

Apenas entrava nos salões de baile, um crescido numero de

\* Lido no 13º sarão do «Parthenon Litterario».

adoradores, corria ancioso a prostrar-se ante a mimosa donzella, dizer-lhe mil phrases de amor e incensar-lhe a vaidade de mulher!

Para todos tinha ella um sorriso mais ou menos significativo, mais ou menos promettedor, sem que nenhum d'elles lhe inspirasse a menor sympathya.

. Julgavão-n' a uma mulher sem coração. Mas ella tinha-o, e já repleto de amor.

### III

Ao passo que Carlinda conservava-se indifferente ás phrases banaes de seus adoradores, sentia immenso affecto por um mancebo, que á ella jamais dirigira-se, mas, cujos olhares, bastante expressivos, tinham por mais de uma vez encontrado-se com os seus.

Sendo Carlinda, como todas as mulheres — amiga das singularidades — acostumou-se ao olhar pertinaz e penetrante d'esse mancebo, e finalmente já o amava.

### IV

Em um baile teve Carlinda uma grata surpresa. Ao dar signal para a primeira quadrilha, Julio d'Alverne — o mancebo de olhar insistente — dirigio-se á ella. Após algumas phrases timidias solicitou-lhe uma walsa, que Carlinda ceddo-lhe sem

. . . . .  
O baile correo animado. . .

Julio, que pouco a pouco fêra quebrando da timidez que até então soubera fingir, declarou-se á Carlinda, e, atrojado como era, fez mais do que isso — exigio uma entrevista nocturna como sagração do amor que nutrião reciprocamente. Este pedido, na realidade algum tanto inconveniente, foi recusado pela innocente menina, que sentio subir-lhe o rubor ás faces, vendo-se desrespeitada, quando havia sido sempre o alvo de todas as delicadezas.

Julio supplicou. Chamou a de ingrata, e concluiu mostrando-lhe a pureza de suas intenções.

Mas finalmente acabou por convencer-se que uma entrevista era a cousa mais natural do mundo, ante á qual não devia vacillar o pudor de uma virgem. Ceddo-lhe, pois, a entrevista, a qual Julio não faltou. . . .



O moço ao roçar os lábios na fronte da incauta donzella, sorriu-se victorioso...

Foi mais uma victima sacrificada aos altares do vicio!

Após o crime, veio mais tarde o abandono....

V.

Alguns mezes decorrerão, sem que Carlinda tivesse noticias do miseravel, que lhe havia desfolhado a corôa de virgem.....

Mais alguns mezes ainda... e ella tornou-se mãe!...

Seu pai ao ter conhecimento d'este facto, procurou o assassinio da sua honra para vingar-se, e não encontrando-o, suicidou-se, depois de haver feito seu testamento, no qual legava a Carlinda — unicamente a sua maldição!....

VI.

Carlinda, sem protecção e lançada ao abandono, vio-se na contingencia de estender a mão a caridade publica, que conservou-se muda e inflexivel as suas supplicas!

Obrigada a atirar-se na voragem do desespero, enlodou as azas d'anjo, abysmando-se para sempre em martyrios eternos!...

Abril, 17 de 1875.

VASCO DE AZEVEDO.

## O ADEOS

### I

Eu me sinto morrer !  
Desfallecida e conturbada a mente !...  
Terrível desengano,  
Agros pezares o meu peito sente !  
E á infanda enfermidade  
Cede o meu corpo, e acabo lentamente !

Vês, Laura, o que fizeste ?  
No tumulo um cadaver mais lançado !  
Mais um cipreste erguido,  
Mais uma cruz e um nomé ali gravado !  
E talvez um descrido  
Em busca de repouso... *desvairado* !

### II

Por que Laura fementida  
Povoaste a minha vida  
De illusões, e sempre infida  
A' descrença me arrastaste !  
Posso agora ainda crer  
Nos protestos de mulher,  
Quando cruel me enganaste ?

Seductora, eras tão linda,  
Na tela do céu infinda  
Não se vio luzir ainda  
Uma estrella mais formosa.  
Eu te amava estremecido,  
Louco de amores perdido,  
Phalena em seio do rosa.

### III

Tinha tanta mocidade,  
Tanto amor,  
Tudo te dava, oh beldade,  
Com ardor.  
Pagaste com falsidade  
O trovador.

Quando meu corpo cansado,  
Do coveiro  
Jazer sob o chão pesado,  
Vai primeiro  
Dar-me o pranto do finado,  
O derradeiro.

IV

Entre festivas galas passa os dias,  
Deixa as horas correr entre os prazeres,  
Em alma aspiração teu peito banha,  
Enebria-te, oh Laura, em doces gozos;  
Eis o que te desejo, embora arfando  
Em dores mil o coração me estale,  
E morto, exanime, se me esvaia a vida  
Entre tormentos em que morre a esperança.  
Muito te amava, a vida dei-te toda;  
Dominado de amor sonhei venturas  
Só qual no céu se vê; enebriado  
De teus gosos febril sorvi á larga  
O vasto calix. Mas a linda fada  
Que me fez tão feliz, tirou-me a vida  
Cò'um só bafejo de desprança e morte,  
E assim *finado* o meu *adeus* lh'envio.

Nietheroy, 17 de Março de 1845.

DR. VALLE CALDRE E FIÃO.

---

MÃI

Fonte pura do balsamo da vida  
Mãi, nome augusto de affeição sublime!  
Nome que não se aprende e se murmura,  
Que um céu em si contem que não se exprime!

Mãi, doce nome de perenne encanto,  
Doce — como esse leite em que bebemos;  
— Suave como a luz da visão linda  
Do primeiro dos sonhos que tivemos!

Mãi, brando nome que ideou sorrindo  
O candido, innocente a vez primeira ;  
Suave como o aroma que o circunda  
Si brinca junto a flor da laranjeira !

Mãi, nome augusto de affeição sublime,  
Nome de suavissima ternura ;  
Doce — como o remanço em que se embala  
Da creança no berço a fronte pura !

Mãi, suave expressão de affecto extremo,  
Mago effluvio do céo que a terra desce ;  
Unico bem que ao tempo não se gasta,  
Unico amor que nunca se arrefece !

Mãi, grata animadora do Universo,  
Fonte pura da vida — arvore santa,  
Por ti, eu vi a luz, por ti no mundo  
Enchi minl'alma de harmonia tanta !

Por ti, ó minha mãi, que o ser me déste,  
Por ti que me embalaste a loura infancia,  
Por ti que me entreabriste a mocidade  
N'um sonho de dulcissima fragancia ; —

Por ti, eu amo a vida, eu vejo ainda  
Aos infortunios meus um refrigerio :  
Por ti, me offrece ainda — a Terra — flores,  
E me escondem os céos — mais de um mysterio !

Rio de Janeiro.

F. A. FERREIRA DA LUZ.

---

## UM SONHO

RECITATIVO OFFERECIDO AO PARTHENON LITTERARIO  
PELA AUTORA

( *Publicação posthuma* )

Gosando a brisa n'um jardim mimoso  
Eu sobre a reiva contemplava as flores  
Quando diviso uma donzella meiga  
Toda — candura, respirando odores.

Os passarinhos de brillhantes azas  
Saudavão ella com mimosos cantos.  
E a virgem terna, deslumbrante e pura,  
Dest'arte fälla resplendendo encantos.

« Oh ! avezinhas que me vens saudar,  
« Sêde bemvindas n'este meu natal,  
« Cantae, cantae, a f'licidade minha,  
« Que já diviso o meu feliz natal.

E o bando alado saltitando alegre  
Cantava sempre sem jamais cançar,  
E eu corro, corro, p'ra chegar a elle,  
E eis que me acordo do feliz sonhar.

Outubro, 19 de 1873.

MARIA LUIZA LEAL.

---

## CHRONICA

Limitado espaço nos está reservado para a *Chronica*, apesar d'isso não podemos deixar de escrever, ainda que ligeiramente, sobre os factos mais importantes occorridos durante este mez.

Teve lugar no dia 18 o 17.º sarão. A concorrência foi numerosa. Occupou a tribuna das prelecções o Sr. Motta, tratando das idéas do seculo.

A parte lyrica e musical foi desempenhada pela Exmas. Sras. D. Lydia de Aguiar, D. Amanda Olinto, D. Celeste de Castro Brandão, D. Ricarda e Clementina Medeiros, D. Maria José Coelho e D. Felisberta Vieira Lima.

O socio Vasco de Azevedo leu uma producção em prosa.

As reuniões do *Parthenon* vão, de dia em dia, ficando mais cheias de attractivos e interesse. Pena é, que o vasto salão do Club vai se tornando acanhado para conter a multidão que ali afluê nos dias de festa.

Laurindo Rabello. — Offerecemos hoje aos nossos leitores o retrato d'este illustre poeta, a quem a morte no vigor dos annos, arrebatou do santo sacerdocio das musas. A sua biographia foi confiada á penna habilissima de um dos nossos distinctos litteratos, que por uma modestia injustificavel, occulta a sua apreciavel individualidade sob o pseudonymo de Aristides.

ENSAIOS LITTERARIOS. — Esta nobre associação distribuiu o primeiro numero de sua *Revista* correspondente ao mez de Abril. E' do formato do folheto do *Parthenon* e contem 26 paginas. Escripita em linguagem unvida de suavissimos perfumes, e colorida dos tons magicos com que a mocidade sonhadora sabe dar ás suas telas mimosas, é de crer que o publico o receba com um olhar cheio de interesse e de enthusiasmo.

Ao consignar esta noticia sentimos um immenso prazer. Já não somos só n'esta romagem espinhosa, já um outro irmão tambem nos acompanha e vai arrastado pelas mesmas crenças em busca da terra da promissão.

Que Deos lhe guie os passos e a animação não lhe falte são os votos sinceros que fazemos.